

FTIGESP NEWS // Com cesta básica mais cara, gráficas paulistas devem aumentar vale-alimentação da categoria

, 28 Fevereiro 2018 - 09:41:18

Graças à luta sindical na campanha salarial 2017, gráficos do estado de São Paulo são uma das poucas categorias que mantêm o direito à cesta básica ou vale-alimentação porque constam na sua convenção coletiva

O custo da cesta básica, que é composto por alimentos essenciais para sobrevivência do trabalhador e sua família, aumentou outra vez no país. Pior ainda para quem vive no estado de SP, pois a cesta continua entre as mais caras do Brasil. A pesquisa foi do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Felizmente, graças a grande luta sindical na campanha salarial 2017, os gráficos são uma das poucas categorias no estado que continuam tendo o direito coletivo de receber a cesta básica mensal, definida pela nova Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) da classe. Ou seja, a empresa do setor é obrigada a garantir a cesta básica, independente de ter aumento de valor, conforme alerta a Federação dos Trabalhadores dos Gráficos do Estado (Ftigesp), entidade filiada à Confederação Nacional da categoria (Conatig).

"No setor gráfico paulista, seja em qualquer região, é obrigação de toda empresa entregar a cesta básica a todos seus trabalhadores, inclusive com a quantidade e qualidade dos produtos descritos pela CCT", lembra Álvaro Ferreira, secretário de Comunicação da Ftigesp. O sindicalista aproveita para alertar os trabalhadores que o benefício não é distribuído por bondade patronal, mas estar obrigado a dar, não devendo, portanto, de deixar de entregar. Se o patrão negar este direito convencionado, o gráfico deve denunciar a seu Sindicato da região (STIG). Sindicalize-se!

Assim, devido a vitória sindical, com ou sem o atual aumento da cesta, o direito continua garantido. Tal benefício evita inclusive a queda maior no poder de compra dos trabalhadores, uma vez que a cesta da convenção da categoria corresponde a cerca de 8% do salário da grande maioria da classe, estes que ganham piso normativo. Desse modo, o gráfico não precisará tirar seu dinheiro do salário para comprar alimentos da cesta. Pelos cálculos da Ftigesp, o valor da cesta básica definida pela CCT, a depender da região do estado, varia entre R\$ 120 e R\$ 130, em média.

Se preferir, a gráfica até pode trocar a cesta por vale-alimentação. Esta possibilidade consta na CCT. Mas a convenção também estabelece uma regra sobre o respectivo valor, justamente para evitar este problema de reajuste do custo dos alimentos essenciais para a composição da cesta. "Para não ser repassado aos trabalhadores um valor defasado do vale-alimentação, a CCT da categoria obriga o patrão a pagar um valor que deve acompanhar sempre o aumento dos produtos da cesta básica. A regra diz que o vale tem que ser suficiente para comprar todos produtos em supermercados da região onde está situada a empresa", diz Leandro Rodrigues, secretário-geral da Ftigesp e presidente do STIG Jundiaí.

Por vários motivos, inclusive pela praticidade, cada vez mais empresas têm optado pelo vale-alimentação em substituição à cesta básica. Mas o cenário tem levado muitos gráficos a ter prejuízos por desconhecer tais regras da CCT. Com isso, ainda é comum o gráfico receber por anos os mesmos valores de vale-alimentação, mesmo com a cesta encarecendo. "Assim, o patrão

est á descumprimento a conven ç ão por n ão garantir o valor para comprar todos itens da cesta nos supermercados, tampouco os gr áficos, penso que por n ão saberem da regra, deixam de denunciar ao seu STIG para que esta irregularidade seja sanada", diz Rodrigues, que tamb ém é secret ário de Comunica ç ão da Confedera ç ão Nacional dos Trabalhadores nas Ind ústrias Gr áficas (Conatig).

A fim de mudar esta cultura dentro do setor gr áfico, que prejudica cada empregado toda vez que aumenta o custo da cesta b ática, como agora, o STIG Cajamar, Jundia í, Vinhedo e regi ão lan çou em 2016 (e reeditou em 2017) uma campanha de comunica ç ão associada à a ç ão sindical de fiscaliza ç ão nas empresas sobre este problema e a necessidade de se reajustar os valores do vale-alimenta ç ão. A a ç ão consistia na pesquisa de pre ços dos alimentos nos supermercados de cada cidade da regi ão. Depois, com o resultado na m ão, comparava-se com o valor do vale nas empresas, cobrando a adequa ç ão. "Foi grande a quantia de gr áficas nesta condi ç ão. Desde ent ão, o gr áfico na regi ão conhece seu direito e sempre denuncia ao STIG quando h á esta defasagem", diz Rodrigues.

Al ém disso, as fiscaliza ç ões do STIG nas gr áficas da regi ão tamb ém se d ão no sentido de combater sonega ç ões na quantidade dos produtos da cesta oferecida. E at é sobre a qualidade dos itens e do armazenamento. Isso porque a CCT tamb ém define a quantidade e a qualidade da cesta. "J á este ano, por exemplo, estamos em cima da gr áfica Vinhedense, em Valinhos. H á den úncias de que no local a empresa voltou a armazenar os alimentos, que montam as cestas, em locais sem higiene e insalubre. Em 2017, j á acionamos at é a Vigil ância Sanit ária, que autou a gr áfica", conta Rodrigues. Ele justifica que alimento é quest ão de sa úde, devendo assim o STIG proteger os gr áficos tamb ém neste sentido. Sindicalize-se!